

# CRENÇAS LINGUÍSTICAS DE FALANTES DO DIALETO CAIPIRA: EM TORNO DAS DIMENSÕES PRÁTICA E REPRESENTACIONAL DA LINGUÍSTICA POPULAR

CREENCIAS LINGÜÍSTICAS DE LOS HABLANTES DEL DIALECTO CAIPIRA: ALREDEDOR  
DE LAS DIMENSIONES PRÁCTICAS Y REPRESENTACIONALES DE LA LINGÜÍSTICA  
POPULAR

LINGUISTIC BELIEFS FROM THE CAIPIRA SPEAKERS' DIALECT: CONCERNING THE  
PRACTICAL AND REPRESENTATIONAL DIMENSIONS OF POPULAR LINGUISTICS

Joyce Elaine de Almeida Baronas\*

Ligiane Aparecida Bonacin\*\*

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar crenças linguísticas de falantes do dialeto caipira a respeito de seu próprio falar. Trata-se da análise de julgamentos a respeito de traços descontínuos característicos do falar rural, os quais sofrem estigma social e que merecem maior cuidado, pois poderiam ser estudados na busca da origem do dialeto caipira, o que muito auxiliaria no abrandamento do preconceito linguístico a ele atrelado, visto que muitos dos traços deste dialeto constituem as marcas das influências de outras línguas no processo de colonização do país. Assim, a partir dos pressupostos teóricos a respeito de crenças e atitudes linguísticas, será abordado esse tipo de prática linguística dos informantes participantes deste estudo com o propósito de refletir sobre tais crenças.

PALAVRAS-CHAVE: Dialeto caipira. Crenças linguísticas. Língua e estigma.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar las creencias lingüísticas de los hablantes de dialecto caipira sobre su propio discurso. Es el análisis de juicios sobre rasgos discontinuos característicos del habla rural, que sufren estigma social y que merecen mayor atención, ya que podrían estudiarse en la búsqueda del origen del dialecto caipira, lo que ayudaría en gran medida a suavizar el prejuicio lingüístico a. está vinculado, ya que muchas de las características de este dialecto son las características de las

---

\* Doutora em Linguística e Língua portuguesa pela FCL/UNESP – Campus de Araraquara e docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail [joyal@uel.br](mailto:joyal@uel.br).

\*\*Mestre em Estudos da Linguagem pela UEL. E-mail: [ligi\\_bonacin@hotmail.com](mailto:ligi_bonacin@hotmail.com).

influências de outros idiomas em el proceso de colonización del país. Por lo tanto, en base a los supuestos teóricos sobre las creencias y actitudes lingüísticas, este tipo de práctica lingüística de los informantes que participan en este estudio se abordará con el propósito de reflexionar sobre tales creencias.

**PALABRAS-CLAVE:** Dialecto caipira. Creencias lingüísticas. Lenguaje y estigma.

**ABSTRACT:** This article aims to present some linguistic beliefs from the “caipira” speakers’ dialect about their own speech. The analysis concerns judgments about the discontinuous features characteristic of rural speech, which suffer social stigma and deserve more attention for instance, to search for the origin of the “caipira” dialect. This search would significantly contribute to the softening of the linguistic prejudice linked to this dialect, since many of its features are revealing of the influences of other languages in the process of Brazilian colonization. Consequently, from the theoretical assumptions about linguistic beliefs and attitudes, this type of linguistic practice is addressed by the informants participating in this study with the purpose of reflecting on such beliefs.

**KEYWORDS:** “Caipira” dialect. Linguistic beliefs. Language and stigma.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste texto, amparados inicialmente nas proposições de Paveau (2008) acerca das dimensões prática e representacional da linguística popular, buscamos analisar crenças lingüísticas de falantes do dialeto caipira a respeito de seu próprio falar. Trata-se de uma reflexão a respeito do estigma que carrega esse dialeto, a ponto de os próprios usuários apresentarem preconceito sobre ele, com atitudes de reprovação e, conseqüentemente, de correção lingüística. Os dados deste estudo constituem parte de um *corpus* maior, coletado durante a realização do trabalho de mestrado<sup>1</sup> de uma das autoras deste artigo, e serão mais detalhadamente explorados ao longo deste texto a partir dos estudos sobre crenças e atitudes lingüísticas.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, inicialmente apresentamos de maneira breve as quatro dimensões da linguística popular, propostas por Achard-Bayle e Paveau (2008) e, na sequência, serão apresentadas algumas reflexões a respeito dos estudos sobre crenças e atitudes lingüísticas, com base em pesquisadores com reconhecido saber na área de estudo.

### 2.1 AS QUATRO DIMENSÕES DA LINGÜÍSTICA POPULAR

Em seu artigo inaugural Guy Achard-Bayle e Marie-Anne Paveau (2008), intitulado “Linguística popular: a linguística ‘fora do templo’: definição, geografia e dimensões”, ao conceituarem e também proporem um mapeamento dos estudos em linguística popular no contexto europeu e norte-americano, os autores asseveram que este domínio engloba quatro dimensões: epistemologia; teoria, práticas e representações. No tocante à primeira dimensão, a epistemologia, os autores em forma de perguntas defendem que as fronteiras entre a linguística popular e a linguística científica não são claras: “Como definir o “popular” ou “profano” se não de maneira relativa a um padrão de comparação, qual seria a cientificidade, ela mesma suscetível de variações de acordo com os objetos, os métodos e os objetivos considerados?” (ACHARD-BAYLE e PAVEAU, 2008, p. 08). Os autores chamam atenção para o fato de que a cientificidade ou a sua falta não tem a ver com algo que é dado naturalmente e sim o produto de uma construção histórica pelos sujeitos. No que concerne à segunda dimensão, a teoria, os autores asseveram que:

[...] é a própria questão da teoria que a linguística popular revira, ativando questões sobre a *categorização* e *denominação* dos fenômenos estudados nas ciências da linguagem: o estudo das atividades metalingüísticas comuns dos falantes vem da linguística popular? A palavra *corrente* é sinônimo de *popular*? E como tratar a famosa *intuição* ou o *sentimento da linguagem* em que os proponentes de uma linguística da competência estão

<sup>1</sup> Crenças e atitudes lingüísticas de alunos de uma escola de campo (2015)

baseados? Sabemos que o termo *contra intuitivo* é frequentemente mobilizado para provar a agramaticalidade desta ou daquela forma. A intuição está incluída na categoria de “popular”? A intuição é profana? (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008, p. 9)

O questionamento dos autores busca colocar em xeque uma das noções capitais para a linguística da competência, isto é, a intuição discursiva. Em que medida, questionam os autores, a intuição não é um saber popular que foi apropriado pela linguística gerativa?

Na sequência, Achard-Bayle e Paveau (2008) discorrem sobre a dimensão representacional. Nessa dimensão, trata-se de compreender como os locutores constroem determinados saberes avaliativos, julgamentos sobre a sua língua e a língua do outro.

Por último, os autores afirmam que a linguística popular possui uma dimensão prática. Esta dimensão está intimamente relacionada com as questões de ensino de língua, especialmente, o de língua materna. Trata-se de dar conta de como os aprendizes e mesmo os próprios professores lidam metalinguisticamente com a sua língua materna.

## 2.2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

O interesse em estudar a língua atrelada ao comportamento social humano nos fez também optar pelo campo de estudo das crenças e atitudes linguísticas, pois, de acordo com Lambert e Lambert (1968, p.83), as atitudes exercem uma função social que pode determinar o comportamento do falante, afetando seus julgamentos e percepções sobre outros, ajudando a determinar os grupos com os quais se associam as profissões escolhidas e até a filosofia à sombra da qual vivem.

Essa abordagem do estudo experimental dos indivíduos, examinados em seu enquadramento social e cultural, encorajou a psicologia social a incluir em sua perspectiva o mundo social que afeta o comportamento do indivíduo em seu modo de interação, passando mais tarde a ser utilizada por linguistas, permitindo à Sociolinguística destacar atitudes ou representações linguísticas.

Gómez Molina (1998, p.25) pondera que “[...] essa técnica atua junto à consciência linguística”, na explicação da competência dos falantes, permitindo ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou das línguas que usam os falantes.

O procedimento instaurado por Lambert e Lambert, na década de 60, permitiu aos linguistas identificarem, por meio da língua, diferentes comportamentos linguísticos. Para Cyranka (2011, p.41), essa prática permite verificar “[...] a conduta do falante frente a sua própria fala e as atitudes e sentimentos frente ao falar do outro, revelando a existência de estereótipos adotados pelos grupos dominados na construção de sua própria auto-imagem.”;

Moreno Fernandez (1998, p.23) esclarece que as atitudes linguísticas poderão ser vistas como “uma postura, ou um comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, podendo revelar uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro”.

Isso se explica, de acordo com Aguilera (2008, p.106), porque a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico. Segundo a autora, decorre daí que, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado, classificando o outro como diferente”.

A partir desses julgamentos, somos capazes de identificar os grupos de falantes de determinadas variedades, tais como os ligados às questões de etnia ou de prestígio social. Deste modo, os grupos sociais que detêm maior prestígio social ou ocupam lugar elevado na escala socioeconômica, acabam por conduzir as atitudes linguísticas da comunidade de fala.

Os psicólogos sociais William e Wallace Lambert (1968, p. 77 -78) definem “atitude” como “[...] uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Seus componentes essenciais são os pensamentos, as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Tomando atitude como manifestação ou expressão de opinião ou sentimento, chegamos ao entendimento de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestam nossas convicções íntimas, ou seja, revelam o que pensamos, ou sentimos por elas. Com efeito, “[...] os comportamentos são, ao mesmo tempo, linguísticos e sociais, pois, há por trás deles relações de força, que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua” (CALVET, 2002 p.77).

Um bom exemplo de comportamento de prestígio em relação à fala foi o apontado na pesquisa de Alves (1979), em que migrantes nordestinos, estabelecidos em São Paulo e provenientes de condições socioeconômicas menos favorecidas, buscavam reproduzir a variante paulista, por verem nela a possibilidade de conquistar o respeito e a estima dos indivíduos que a valorizavam como de prestígio linguístico.

Deste modo, de acordo com Moreno Fernandez (1998, p.3), o estudo das atitudes linguísticas é imprescindível para planejarmos, com a possibilidade de êxito, qualquer ação que afete a difusão de uma língua: seu uso ou seu ensino. Além disso, o juízo sobre uma língua atingirá seu falante, como resultado de estereótipos que não se referem às línguas apenas, mas também às variantes geográficas das línguas, frequentemente classificadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores. Os estereótipos referem-se ao “bem falar”. Ouvimos dizer em todos os países que há um lugar onde a língua nacional é pura [...] Por trás desses estereótipos se perfila a noção de Bom Usage (“uso certo”), a ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis. (CALVET, 2002, p.67-68).

### 2.3 OS PRINCÍPIOS QUE REGEM AS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Para Moreno Fernández (1998, p.145), “[...] as atitudes linguísticas são especificamente uma manifestação da atitude social do indivíduo centrada tanto na língua quanto no uso que se faz dela na sociedade.” E a interação social é, de acordo com Lambert e Lambert (1968, p.127), o processo pelo qual as pessoas se influenciam mutuamente por meio do intercâmbio recíproco de pensamentos, sentimentos e reações. Sendo assim, uma atitude poderá ser formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar de certas pessoas ou acontecimentos.

Moreno Fernandez (1998) corrobora a definição de atitudes linguísticas proferida por Lambert e Lambert (1968):

Las actitudes lingüísticas tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e *identidad*, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.180, grifo do autor)

Moreno Fernandes (1998) complementa ainda que os estudos voltados para essa natureza possibilitam o conhecimento de processos como: a eleição de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico, o ensino de línguas. Ademais, o autor afirma que as atitudes agem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticas que se produzem nas comunidades de fala:

[...] una actitud favorable ou positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra. [...] Una actitud desfavorable ou negativa puede llevar el abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179).

Lambert e Lambert (1968) definem três princípios que explicam como o indivíduo apreende as atitudes:

- i) Associação – princípio pelo qual se evita o contato com pessoas ou coisas que nos desagradem e nos aproximam daqueles que nos trazem coisas agradáveis;
  - ii) Transferência, pois transferimos nossas expectativas para determinados fins;
  - iii) Satisfação de necessidade, quando procuramos nos aproximar de pessoas que associamos a coisas agradáveis.
- (LAMBERT; LAMBERT, 1968 p.93)

Podemos afirmar, assim, que o falante possui crenças valorativas em relação ao mundo e, conseqüentemente, sua conduta será condizente com esse saber ou crença, uma vez que são estímulos reforçados pelo meio.

William e Wallace Lambert (1968, p. 80) expõem que “[...] as atitudes não são necessariamente sempre as mesmas”, além disso, não é possível fazer medições diretas de processos psicológicos tão complexos quanto as atitudes, pois, quando se pede que exprima ou examine suas atitudes, a maioria das pessoas dá descrições incompletas, superficiais e, muitas vezes, deformadas de si mesma. A tarefa dos psicólogos é a dedução das características e existências das atitudes por meio de informações acessíveis sobre os pensamentos, sentimentos e tendências reativas dos indivíduos.

Cabe ainda ressaltar que o indivíduo adota atitudes de outras pessoas, fora da família, à medida que cresce e incorpora atitudes que parecem apropriadas para pertencer a grupos que julga importante. Por vezes, é possível mudar de atitudes como meio de abandonar um grupo e integrar-se a outro.

À primeira vista, a mudança de atitudes poderá parecer tratar-se de uma questão simples, uma vez que são aprendidas, porém, de acordo com Lambert e Lambert (1968, p.97), as atitudes não são modificadas ou substituídas com a mesma facilidade com que são aprendidas, pois se tornam aspectos integrantes da personalidade do indivíduo, influenciando em todo o seu estilo de comportamento.

Podemos inferir, desta maneira, que há também, entre alguns alunos, diferentes crenças, dependendo do que eles têm em mente do que seja a norma exigida como a de prestígio.

Nesse sentido, Gómez Molina (1998, p.31) descreve três componentes sobre as atitudes linguísticas do falante diante do outro: cognoscitivo; afetivo e conativo. O componente cognoscitivo é, provavelmente, o de maior peso específico, nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade etc. este componente conforma, em grande medida, a consciência sociolinguística. O componente afetivo se baseia nos juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento, da associação com traços de identidade, etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho, e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence. Às vezes, os componentes cognoscitivos e afetivos podem não estar em harmonia. O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios.

Feita essa descrição acerca das crenças e atitudes, buscaremos a partir de agora amparo na perspectiva mentalista. Assim, de acordo com Corbari (2012, p. 114-115):

A perspectiva mentalista é de natureza psicossociológica e concebe a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a condições e fatos sociolinguísticos concretos, razão pela qual não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica, sendo necessário recorrer a técnicas indiretas para desvelar algo tão intangível como um estado mental.

Optamos por essa discussão, uma vez que interpreta a atitude do falante como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo – ou uma variedade linguística, por exemplo. Por isso, a concepção na perspectiva mentalista poderá ser realizada direta ou indiretamente a partir da conduta do indivíduo dentro de certas situações sociais. Nesse sentido, para este estudo em especial,

produzimos um questionário, com estrutura fechada, por acreditarmos que as inferências indiretas levam o informante a emitir a resposta que creê ser mais adequada, possibilitando-nos interpretar e entender suas crenças e atitudes.

Essa ação se pauta em Lambert e Lambert (1968, p.80), para quem:

A informação necessária para deduzir atitudes pode ser obtida pela observação de pessoas em situações sociais especialmente criadas. Como semelhante critério exige muito tempo e não é natural para os que estão sendo observados, os psicólogos desenvolveram processos substitutos. No caso típico, solicita-se aos sujeitos que se imaginem em certas situações sociais e forneçam informações relativas a seus pensamentos, sentimentos e maneiras prováveis de comportarem-se em tais e tais enquadramentos.

As atitudes geradas nos falantes poderão ser positivas ou negativas, produzindo efeitos na língua de determinada comunidade de fala, por exemplo, a hipercorreção - fenômeno atrelado à negatividade que um falante atribui ao seu próprio falar. Elas costumam ser a manifestação das preferências e convenções sociais acerca do *status* e prestígio de seus usuários sobre determinada variedade, isso explica o fato de o grupo social de maior prestígio ditar a preferência de atitudes linguísticas em comunidades de fala.

Deste modo, as atitudes poderão até gerar a eleição de uma nova língua, caso determinada comunidade de fala defina a vigente como de menor prestígio, levando gradualmente a antiga a ser substituída por aquela de maior *status*, ocasionando o abandono da substituída e, conseqüentemente, seu desaparecimento.

Cuanto mejor sea el estatus de una lengua, cuantos más hablantes tenga y cuanto mayor sea el apoyo institucional recibido, más posibilidades habra de que se mantenga. En el momento en que una comunidad comienza a elegir una lengua em ámbitos o dominios en los que tradicionalmente se há utilizado outra, comienza el desplazamiento y la sustitución de la lengua. (MORENO FERNANDEZ, 1998, p.250)<sup>2</sup>

Os psicólogos sociais alertam que não estamos completamente cômicos da maioria das nossas atitudes, nem da extensa influência que elas têm sobre o nosso comportamento social. Contudo, em uma análise mais detalhada, podemos localizar certas atitudes dentro de nós. Para isso, os autores apresentam a seguinte hipótese: “se uma pessoa desenvolveu uma forte atitude negativa em relação ao comunismo, ela irá considerar e avaliar qualquer ação cometida pelos comunistas de uma maneira estereotipada” (LAMBERT; LAMBERT, 1968, p.78).

O campo das crenças e atitudes tem muito a contribuir para os estudos em linguística popular, bem como para os sociolinguísticos, pois, por meio de pesquisas nessa área, é possível entender como o ambiente social pode interferir no posicionamento do falante, além disso, suas contribuições auxiliam na desmistificação de que a língua é homogênea, auxiliando os educadores e estudiosos a assumirem uma postura menos preconceituosa.

Para Moreno Fernandez (1998, p.134):

El éxito de este modo de trabajo está en los beneficios que se obtienen para valorar el funcionamiento de un modelo educativo y sus probabilidades de éxito: las conclusiones que proporcionan los análisis permiten retocar los planes de estudio de los centros educativos, los contenidos de las asignaturas, el tiempo dedicado a la enseñanza de cada lengua y las técnicas pedagógicas empleadas en el aula, entre otros aspectos.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Quanto maior for o *status* de uma língua, quanto mais falantes ela tiver e quanto maior for o apoio institucional recebido, mais possibilidade haverá de que ela se mantenha. No momento em que uma comunidade começa a eleger uma língua em âmbitos ou domínios em que tradicionalmente se tem utilizado outra, começa o deslocamento e a substituição de uma língua em curso [tradução nossa]

<sup>3</sup> O sucesso deste trabalho está nos benefícios que se obtêm para valorar o funcionamento de um modelo educativo e suas probabilidades de êxito: as conclusões que proporcionam as análises permitem retocar os planos de estudo dos centros educativos, os conteúdos das disciplinas, o tempo dedicado ao ensino de cada língua e as técnicas pedagógicas empregadas na aula, entre outros aspectos [tradução nossa].

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos respostas a uma questão elaborada para uma entrevista realizada em 2015, conforme já enunciado no início deste trabalho, para composição do *corpus* da dissertação de mestrado de uma das autoras desta pesquisa, com 37 alunos na faixa etária de 11 a 14 anos, matriculados no ensino fundamental de uma escola localizada em um distrito rural chamado Patrimônio Nossa Senhora Aparecida, situado a 12 km da cidade de Andirá - PR. São falantes, que podem ser inscritos como pertencentes ao dialeto caipira, pois apresentam alguns traços descontínuos<sup>4</sup> em sua fala, característicos do dialeto caipira e que sofrem estigma social, mas estavam em processo de aquisição da norma culta, dado que todos estavam frequentando os bancos escolares na época. Na questão em análise, buscamos verificar como os falantes se posicionariam diante de uma avaliação de um falar semelhante ao seu, com traços descontínuos. A seguir, apresentamos a análise.

Ao indagarmos como os informantes reagiriam ao ouvirem seus amigos fazendo uso de uma forma que foge da norma culta, (Se o seu colega de classe disser: “Nós foi com o Paulo e vortô com o João ontem. Você corrigiria o modo de falar dele? Por quê?”), as respostas foram as seguintes: 37 informantes afirmaram que corrigiriam, 21 informantes informaram que não realizariam a correção e 5 informantes não responderam ou não souberam responder. Assim, os dados apontam que mais da metade, 57% dos alunos, corrigiria seu amigo ao ouvi-lo dizer de uma forma inadequada uma frase dentro da sala de aula, enquanto apenas 30% afirmaram que não os corrigiriam. Para que pudéssemos investigar o motivo que os levaria à correção, indagamos o porquê e transcrevemos suas justificativas no quadro a seguir.

Informante	SIM	NÃO	JUSTIFICATIVA
1		x	Ah, porque eis ia falá que eu tava zuando.
2	x		Porque ele tá falano errado.
3	x		Porque ele tá falano errado.
4		x	Porque tem gente assim que tem o sotaque diferente, mas quando eis tão com a gente, a gente tem que corrigi o jeito deles.
5	x		Porque eu ia ensiná ele certo.
6	x		Porque ele falô, vortô. O certo é fomo com o Paulo e vortamo com o Paulo
7			Não sei.
8	x		Por causa que ele falou vortô e é voltamos.
9	x		Porque ele falou errado.
10	x		Sim, porque ele falô nói vamo “cu” o Paulo, e é nói foi com o Paulo e vortô com o João
11	x		Por que ele falô a palavra “cum” e é com.
12	x		Por que se fala errado eu corrijo
13	x		Pra ele aprender a falá a palavra certa.
14	x		Só o “vortô”, porque tá errado, é voltamos.

4 Traços descontínuos, segundo Bortoni-Ricardo (2004) constituem marcas do dialeto caipira que sofrem estigma social \_ como, por exemplo, o rotacismo em “bicicreta”/bicicleta, a iotização em “muiê”/mulher e a falta de concordância verbal \_ em oposição a traços graduais, que constituem marcas linguísticas diferentes da norma culta, mas que não sofrem tal estigma \_ como por exemplo o alçamento do e e do o em final de palavras, como em quente/ quenti; ovo/ovu.

15	x		Porque como ele é meu colega de classe, tem que ter... que, corrigí, né, porque se não ele vai aprender errado o modo de fala.
16			
17	x		Porque isso daí tá de forma inadequada.
18		x	Porque é um amigo, eu acho que dá vergonha.
19	x		Porque falô errado, não é muito bonito.
20	x		Porque tá errado.
21			
22			
23		x	Porque eu tamém falo errado.
24		x	Porque ele pode falá do jeito que quiser.
25	x		Porque tá errado.
26	x		Pra ajudá a falá certo.
27		x	Porque cada um tem seu jeito de falá.
28		x	Por que eu já tô costumado com essa fala, então pra mim não tem pobrema.
29		x	Porque eu falo tudo errado tamém.
30	x		Porque é errado.
31	x		Porque, tipo, se ele tá falano errado, um dia ele vai aprendê que tem que falá corretamente.
32	x		Porque ele tá falano errado.
33			Não sei
34		x	Porque tamém falo errado.
35	x		Ah, porque se eis tão falando, daí a gente pega esse costume e tamém fala igual então tem que corrigir
36		x	Porque ele falô assim, deixa ele falano desse jeito memo
37		x	Porque eu acho feio ficá corrigino as pessoa.

**Quadro 1:** Respostas dos informantes

**Fonte:** elaborado pelas autoras

Podemos verificar, pelas respostas afirmativas, que entre os 21 informantes que pontuaram corrigir a fala do colega, justificaram suas respostas com a argumentação de que haveria um erro, o qual deveria ser corrigido. Salientamos ainda que o informante 6 apresenta a seguinte justificativa para correção: “Porque ele falô, vortô. O certo é fomo com o Paulo e vortamo com o Paulo”.

Podemos verificar, na resposta, que o informante apresenta traços descontínuos na sua fala, os quais, provavelmente não são avaliados por ele mesmo como tal, já que o informante indica a necessidade de correção e a ideia de uma fala certa. Constatamos nesta fala do informante que, até mesmo os falantes de uma falar estigmatizado, são preconceituosos em relação ao seu falar e ao falar do outro, sobretudo, apontando a existência de um falar certo e de um falar errado.

Cabe ressaltar, neste artigo, que defendemos sim a necessidade de aquisição das normas de prestígio, entretanto salientamos a necessidade de respeito às normas desprestigiadas, como é o caso do dialeto caipira, que é marcado de traços descontínuos, cuja origem, em sua maioria, tem explicações históricas, como, por exemplo, a falta de concordância verbal, traço estigmatizado e característico do dialeto caipira, que é explicado por Melo (1981, p. 78) como uma influência africana. O autor, abordando a tendência à simplificação, afirma:

O verbo também sofre bastante as consequências dessa atitude simplista. Muita vez só há oposição de desinência entre a primeira e as demais pessoas, como se vê, por exemplo, do indicativo presente do verbo comprar: eu compro, tu compra (a 2ª pessoa de regra só ocorre na linguagem insultuosa), ele compra, nós compra, eis compra. (MELO, 1981, p. 78)

Também para Mello (2002, p. 355), a não concordância nominal e verbal seriam resultado do contato linguístico do Português com outras línguas durante o processo de colonização do Brasil, originando, desta forma o que a autora classifica com PNP (português não-padrão).

Naro e Scherre (1993) abordam o português popular do Brasil, apontando várias fontes para sua origem. Os autores afirmam: “Vemos a atração de forças de diversas origens – algumas oriundas da Europa, outras da América, outras, ainda, da África – que juntas se reforçaram para produzir o português popular do Brasil” (NARO; SCHERRE, 1993, p. 437). Em seu estudo, os autores tratam da variabilidade da concordância nominal e verbal, apontam estudos que defendem a ideia da influência africana para tal variabilidade, tais como Melo (1981) e Mello (2002), mas discordam dessa hipótese, defendendo a influência europeia para tal fenômeno. Conforme os autores, a variação na concordância verbal tem um componente que parece puramente fonológico. É o caso da redução de casos como: comem/come, em que ocorre a desnasalização. Já os casos de redução morfológica, como por exemplo: comeram/comeru, teriam ocorrido posteriormente e por analogia à redução fonológica.

A redução fonológica é comum na fala popular de Portugal, portanto Naro e Scherre (1993) atribuem a origem europeia para a não concordância verbal e nominal. Essas informações são importantes para a compreensão do dialeto caipira e para a divulgação de tal conhecimento, o que muito poderia contribuir para a diminuição do preconceito a ele relacionado.

Já em relação aos dados dos informantes que afirmaram que não corrigiriam, alguns também apresentam a crença na existência de um falar “errado”: “Porque eu tamém falo errado”. (inf. 23 e inf. 34), Porque eu falo tudo errado tamém (inf. 29). Ou seja, eles acreditam que o falar do colega seria errado e que eles também falam errado, assim apresentam a crença de inferioridade em relação ao seu próprio falar.

A partir desses dados, podemos visualizar a crença existente em relação ao dialeto caipira. Trata-se de um falar carregado de preconceito, resultante de crenças e atitudes que tomam como referência uma única possibilidade de língua, devido ao desconhecimento da origem desse falar.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos compreender as crenças linguísticas de falantes do dialeto caipira a respeito de seu próprio falar. Os dados apontam para a crença de que o dialeto caipira constitui um falar errado para os informantes desta pesquisa, de modo que alguns deles chegaram a caracterizar o próprio falar como errado. Tal crença está arraigada na sociedade brasileira e há necessidade de se percorrer um longo caminho evidenciando os problemas desse tipo de preconceito para os indivíduos que o sofrem. A partir de

estudos sobre a história da Língua Portuguesa no Brasil, podemos conhecer um pouco melhor esse dialeto e compreender sua riqueza cultural, visto que muitas de suas marcas resultam da influência de línguas na formação dessa língua no país. Tal conhecimento deve ser propagado a fim de minimizar o preconceito em relação a esse dialeto. Ademais, ao trabalharmos numa relação entre temas da sociolinguística (crenças e atitudes) e as dimensões prática e representacional linguística popular, procuramos evidenciar o quanto esse diálogo pode ser produtivo para as duas áreas do conhecimento na sua umbilical relação com o ensino de língua materna.

## REFERÊNCIAS

- ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M-A. Présentation. La linguistique “hors du temple”, *Pratiques* [en ligne], 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1171>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, 2008.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira: Gramática - vocabulário*. 4 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília, 1982.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CALVET, J-L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. 2ª. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- CORBARI, C. C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n.15, p. 111-127, jun.2012.
- CYRANKA, L. F; de M. *Dos dialetos populares à variedade culta: a sociolinguística na escola*. Curitiba: Appris, 2011.
- GÓMEZ MOLINA, J. Ramón. Actitudes linguísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia. *Revista Cuadernos de Filología*, v. 28, 1998. *Em Aberto*, Brasília, v. 24, n. 85, abr. 2011.
- LAMBERT, W. W.; WALLACE, E. *Psicologia social*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MELLO, H. R. Português padrão, português não padrão e a hipótese do contato lingüístico. In: ALKMIN, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. p.341-358.
- MORENO FERNANDEZ, F; *Principios de sociolinguística y sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *Delta*, v. 9, p. 437-454, 1993. (Número Especial)



Recebido em 10/09/2019. Aceito em 16/10/2019.